

## A LÁGRIMA DO ESPAÇO

*“A MÃE CRIADORA DE TODAS AS COISAS chorou quando conscientizou-se da violência inculcada na maioria das espécies que sua inspiração deu vida no universo.”*

\*\*\*

-Pretende fazer o serviço aonde?

-Antes do posto policial!

-Então vamos!

O carro corria pela pista. O motorista e seus passageiros eram todos mal encarados.

A noite estava estrelada e eles seguiam sozinhos pela rodovia.

Nenhum outro veículo ou pessoa transitava por ali àquela hora da madrugada.

Esta cena foi subitamente interrompida por um clarão que, por alguns segundos, transformou a noite em dia.

Pouco depois, um objeto extremamente brilhante rasgou aquela noite deixando um rastro luminoso atrás de si que virou fumaça e se desvaneceu logo a seguir.

-Vocês viram aquilo?

-Só cara!

-Impressionante!

O que quer que fosse atingiu o solo a distância relativamente pequena de onde estavam os observadores no carro.

O impacto ocasionou outro clarão ainda mais luminoso, neste caso, tendo até mantido sua intensidade por alguns segundos.

Um dos tipos mal encarados no interior do automóvel logo teve uma ideia.

-Vamos fazer o serviço perto de onde se deu este estouro. Se ainda tiver algum fogo por lá, a gente joga nele os cadáveres para virar logo cinzas.

-Tu é esperto mesmo. Vai ficar mais difícil de identificar os mortos.

-Então vamos nessa! - Disse outro.

O carro seguiu na direção que devia levar para região próxima ao local da queda.

Não tardou muito e chegaram a um terreno onde o solo estava avermelhado e muito brilhante.

Os mal encarados desceram do carro e se admiraram com a singular localidade.

Agora percebiam melhor que bem no centro do solo de tons avermelhados e brilhantes havia uma espécie de rocha ou pedra branca quase ofuscante e de leves tonalidades azuladas.

Admirando aquele misterioso artefato de beleza tão intensa, os tipos mal encarados sentiram-se bem.

Melhor do que qualquer sensação trazida por drogas lícitas ou ilícitas.

Estavam em paz e tranquilos.

Das suas personalidades, aparentemente a violência e maldade foram completamente extirpadas.

Sem temer a dor que o calor do solo pudesse lhes infringir, aos seus pés avançaram até o objeto.

Felizmente, nada de mal lhes ocorreu.

Por algum tempo, a contemplação daquele artefato que tinha tanto características sólidas como líquidas fez com que todos ali esquecessem da vida e dos problemas inerentes a ela.

Nada mais parecia importar...

Entretidos ficaram naquela observação até que um deles tomou a decisão:

-Eu não vou matar nenhum dos três que está no porta-mala do carro.

-Nem eu.

-Eu também não!

-É, mas foi o Negão que mandou fazer a parada. Se a gente desobedecer o homem vai sobrar para nós.

-Mesmo assim eu não mato mais ninguém.

-Eu também não.

-Vai sobrar prá gente...

-Tira os três do porta-malas.

Dois dos mal-encarados voltaram para o carro e tiraram três pessoas de dentro do bagageiro onde muito mal entrava uma pessoa.

Espremidos e esmagados, os involuntários passageiros ainda não se davam por dominados proferindo até algumas ameaças:

-Isso vai dar em guerra! Vocês não sabem com quem se meteram.

-A hora que descobrirem que fui seqüestrado, vocês serão caçados até a morte.

-Não esperem viver para sempre.

As algemas que os prendiam foram abertas.

Antes que os seqüestrados pudessem tentar qualquer reação contra seus captores, foi-lhes exibida a incrível descoberta...

Então, depois de toda a raiva, medo e frustração que haviam sentido, os espíritos que até então permaneciam indomados se acalmaram.

Diante daquela descoberta, medo e ódio deixaram de existir.

Contemplando aquele misterioso objeto, ninguém mais pensava em qualquer maldade.

Mesmo assim, o problema da desobediência não estava distante.

Os matadores haviam recebido a incumbência de cumprir com a execução daqueles três e, agora, sentiam-se incapazes de fazer o trabalho.

-Será que não dá para levar esse negócio para o Negão ver? Quem sabe, pelo menos assim, ele dá sossego para gente...

-É! Também acho...

-Ele vai mudar de idéia sim. Depois que ver essa coisa... É certeza.

-E se não mudar de idéia quanto a gente?

-Então é melhor ir um só porquê aí morre menos gente.

Todos riram juntos...

De comum acordo, pegaram o objeto que, quando tocado, mesmo sendo duro, parecia espalhar ondas pela sua superfície.

Algo que não causou dano a ninguém.

-Eu mesmo levo essa coisa para o Negão ver. - Disse o motorista do veículo. - Como não vai dar para levar todo mundo confortavelmente, e, até para não arriscar nenhuma vida além da minha, vou sozinho.

Momentos depois ele seguiu viagem só.

Ninguém reclamou de voltar a pé. Só a visão daquele artefato já havia feito a noite valer a pena.

\*\*\*

-O carro deles está chegando.

-Foi rápido. Pelo jeito, os caras são profissionais mesmo.

O veículo estacionou numa viela que dava acesso a uma grande quadra onde freqüentavam os moradores daquela favela.

-Ué, mas só tá saindo um... Cadê os outros?

-Será que rolou alguma treta?

Dois dos rapazes que faziam a vigilância para o tráfico de drogas na região se

aproximaram do carro.

O motorista já os aguardava com o bagageiro aberto.

Os vigias chegaram mal encarados.

Portavam armas pesadas prontas para serem usadas.

O motorista não se perturbou e disse:

-Ainda bem que vieram. Eu queria levar esse negócio para o Negão dar uma olhada e, sozinho, acho que não vou conseguir.

Os vigias puseram os olhos no misterioso objeto e passaram pela mesma transformação que até o momento havia atingido a todos que aquela visão tiveram.

Suas resistências foram derrotadas e desapareceram

Resistências ou barreiras que até então pudessem ser consideradas sagradas ou de tal importância a ponto de causar qualquer tipo de divergência eram postas de lado para que um estado de espírito mais iluminado abraçasse a todos que tivessem tal vislumbre.

O veículo foi levado através da viela para o centro da quadra onde pode ser apreciado por mais pessoas.

Num ambiente cercado de penúria e pobreza, a medida que o artefato era visto pelas pessoas, o clima se tornava mais cordial e amistoso.

Mesmo sem ter sido tirado do porta-mala do carro, o objeto causou bastante movimento e burburinho na quadra.

O efeito daquela visão aparentemente era o mesmo com todo mundo.

Até o Negão apareceu alí para saber o que estava acontecendo.

Era um sujeito grande, forte, careca e de cavanhaque.

Levava bem ao estilo Pancho Vila, duas cintas de munição carregadas e cruzadas sobre o peito.

Na cintura, tinha duas pistolas semi automáticas, granadas e uma faca.

-O que está acontecendo aqui? - Indagou em voz alta.

Os conhecidos se acercaram dele dizendo:

-Você tem que ver...

-Mas o que é?

-Venha...

Foi levado por diversas pessoas até o bagageiro do veículo.

No caminho, viu o motorista que justamente encarregara para realizar a execução dos seus desafetos.

Com algumas poucas braçadas, desvencilhou-se das pessoas que o conduziam e voltou-se para ele:

-E aí? Fez o serviço?

-Não deu! É que aconteceu um negócio engraçado...

-Negócio engraçado?!? Eu te mandei dar cabo de dois safados que são do bando que tá disputando as bocas de fumo com a gente e você me dá uma dessa?!?!? Tá me tirando?!?!?!?!?

Sacou as pistolas e quando ia apontá-las para o motorista foi novamente conduzido pela turba até o bagageiro do carro.

Assim que viu o artefato, a reação do Negão não foi diferente da dos que anteriormente também tiveram aquela visão.

Primeiramente destravou as armas e guardou-as nos coldres.

Depois, ainda ficou admirando o misterioso objeto por longo tempo.

Por fim, afastou-se em silêncio dalí e sentou numa calçada próxima onde pôs-se a refletir.

Os acontecimentos nestas linhas descritos chamaram ainda a atenção de um atento observador: o Major Sérgio.

Astuto, ele estava infiltrado à paisana naquela região. Um agente do serviço

secreto das forças armadas cuja missão era espionar a comunidade e levantar informações sobre as diversas quadrilhas que alí atuavam.

Naquele exato momento, assistia a toda a movimentação que na quadra ocorria de longe.

O que percebia da situação era que todo mundo, incluindo os piores elementos da área, se comportavam de um modo estranho.

Estavam muito tranqüilos.

Pareciam totalmente em paz.

Da distância que se encontrava, não tinha ângulo de visão suficiente para enxergar o misterioso artefato que operava mudanças miraculosas nas pessoas.

Porém, podia perceber um outro acontecimento que alí nas imediações se sucedia.

Acabava de adentrar as ruas que davam acesso àquela favela uma numerosa gangue de motoqueiros.

Ajeitando o binóculo, o Major Sérgio percebeu que aquele pessoal não parecia estar chegando com boas intenções.

Uma olhada mais atenta fez com que reconhecesse os integrantes da gangue.

Eram traficantes concorrentes que disputavam com a quadrilha que comandava a região onde se encontrava aquela favela, diversos pontos de distribuição de entorpecentes ilegais.

O relacionamento entre os membros das quadrilhas era extremamente hostil.

Entre eles, para brigar não era necessário um motivo.

Razão tinha quem matava e fim de papo.

Agindo dessa maneira, os dois grupos rivais viviam em constante conflito onde não haviam limites para a violência.

Todas as pessoas que entraram em contato com o misterioso objeto nesse momento se encontravam extremamente tranqüilas e relaxadas.

Algumas, até dormindo nas calçadas e ruas.

Mesmo os traficantes do pedaço, que normalmente andavam o tempo todo armados, naquele momento estavam despreparados para qualquer eventual ataque.

Vendo uma situação que certamente terminaria num massacre, o Major Sérgio pegou algumas armas que tinha no apartamento de onde conseguia visualizar toda situação sem ser notado e saiu correndo para tentar fazer alguma coisa por aquele povo indefeso.

\*\*\*

A chegada da gigantesca gangue mal encarada e muito bem armada estava sendo coordenada por um de seus líderes cujo apelido era Motopinga.

Este elemento era um tipo realmente impiedoso e detestável.

Ainda assim, era bastante cauteloso nas operações armadas em que se envolvia ou comandava.

Até porquê, sempre ia à frente das missões cumprindo bem com o papel de ponta de lança no momento de encontro com o inimigo.

Naquele caso, nada mudava.

Assim que desceu de sua motocicleta, entrou de arma em punho num dos estreitos corredores que teria de passar para chegar até a quadra.

Logo percebeu que alguma coisa estava estranha já que não encontrou ninguém fazendo vigilância ou segurança em lugar algum.

A impressão que se tinha, era de que tudo seria bastante fácil.

Entraram então na quadra onde se encontrava o veículo com o misterioso objeto.

Toda a comunidade estava alí reunida.

As armas foram preparadas.

O massacre iria começar.

\*\*\*

De arma em punho, o Major Sérgio corria até a quadra.

No caminho, também ele percebeu que a segurança do tráfico não estava presente conforme a normalidade.

Parecia até que a polícia tinha quebrado as bocadas todas.

Quase sem fôlego, o Major Sérgio finalmente chegou à quadra.

O que viu então deixou-o embasbacado.

Chefes de perigosíssimas quadrilhas rivais estavam conversando tranqüilamente com as armas depostas, como se fossem velhos e grandes amigos.

Major Sérgio ainda não podia enxergar direito o objeto no porta-malas do carro, mas, já percebera que era ele mesmo a causa de todos aqueles acontecimentos.

Entendeu ainda que, frente à inesperada reunião de quadrilhas onde, facilmente podiam ser reconhecidos como presentes, pelo menos, os quinze criminosos mais procurados pelas polícias, tinha que aproveitar a oportunidade para botar todo mundo preso.

Sacou o telefone celular do bolso e comunicou o seu chefe da situação.

Logo, as forças armadas estariam alí para tomar conta do pedaço.

\*\*\*

De-repente, eles apareceram.

Vieram das sombras!

Mais de cem homens armados até os dentes, vestindo roupas e máscaras pretas imobilizaram a todos que alí estavam.

Até dois helicópteros ultra sofisticados, de blindagem reforçada e cor negra saíram do meio das trevas noturnas silenciosamente para dar cobertura àquela força de ataque.

O major Sérgio saiu do esconderijo onde até então estivera, deixando bem à mostra sua identificação e patente.

Foi até o carro onde estava o misterioso objeto e, seguindo o seu instinto de experiente militar em atividade, fechou o porta-malas sem nem olhar o que havia em seu interior.

Sabia que, o que quer que houvesse alí dentro, deveria ser considerado de risco à segurança nacional.

Para evitar que os soldados envolvidos na operação fizessem qualquer tipo de contato com o misterioso artefato no bagageiro, resolveu sair com aquele automóvel daí.

Colocou sua identidade bem visível no para-brisa do veículo e foi passando sem ser impedido por todas as barreiras que as forças armadas colocaram pelas ruas que davam acesso até aquele local.

\*\*\*

Estacionou o carro no interior de um dos hangares da base militar.

Nem bem terminou de girar a chave para desligar o automóvel e viu um helicóptero negro emergir silenciosamente das trevas noturnas pousando na pista de pouso logo alí perto.

A porta lateral dele se abriu e saiu um homem de óculos escuros e chapéu estilo caçador com textura camuflada.

Correu para perto de onde estava o Major Sérgio com agilidade incomum.

Dois seguranças com mais de dois metros de altura, armados até os dentes o

acompanharam.

Ele usava jeans, camiseta branca e por cima dela ainda, uma camisa de manga cumprida camuflada.

Fumava um esquisito cigarro enrolado à mão.

Assim que o viu, o Major Sérgio saiu do veículo, fez posição de sentido e bateu continência.

-Está escondendo de mim o bolo da festa, Major?

-Não senhor! - Respondeu prontamente.

Era o seu chefe.

O Marechal de Guerra Lemor.

\*\*\*

O Marechal era baixote, ao contrário do Major que tinha mais de um metro e noventa de altura.

-O que está acontecendo? Que negócio é esse? - Indagou apontando para o bagageiro do veículo.

-Não tenho certeza ainda, senhor! Mas acredito que o artefato que está no porta-malas do carro de alguma forma altera o comportamento das pessoas.

O Marechal tragava furiosamente seu cigarro e dirigiu-se para a parte traseira do automóvel.

Ficou olhando fixamente o porta-malas.

-Como é que o senhor acha que ocorre essa alteração no comportamento das pessoas?

-Percebi que, por maior que seja o ódio existente entre as pessoas, estas param de brigar depois que estabelecem contato visual com o artefato.

O Marechal olhou atentamente o Major Sérgio enquanto soltava fartas baforadas.

-Bom! Talvez isso explique o fato de não ter sido necessário disparar um único tiro para efetuar as prisões dos bandidos procurados que estavam na quadra.

-Alguma coisa mexeu com os ânimos daquele pessoal. Não tenho dúvidas que a resposta se encontra neste porta-malas.

Durante a conversa entre o Major e o Marechal, um dos seguranças fotografou o veículo com o próprio celular e, em seguida digitou alguns comandos no teclado deste.

Alguns momentos depois, uma informação chegou nele.

O segurança interrompeu a conversa:

-Marechal! Esse carro foi monitorado pelo sistema de rastreamento por satélite perto do local onde foi registrada a queda de um objeto brilhante vindo do espaço.

-Então podemos estar diante de material alienígena. - Comentou o Marechal. - Major, o senhor poderia abrir o bagageiro para que eu possa dar uma espiada?

-Não recomendo, senhor! Eu mesmo evitei contato visual com o que tem aí dentro. Pode estar contaminado com alguma forma de vida alienígena que não tenha sido carbonizada durante o percurso que esta coisa fez até atingir o solo. Tenho certeza que as pessoas que aí puseram os olhos sofreram algum tipo de mudança.

O Marechal continuava com as mãos sobre o veículo.

Uma dúvida parecia pairar sobre o seu semblante.

-Alguma das pessoas que olhou para este objeto extra-terrestre teve problemas de saúde ou algo assim?

-Para ser sincero, marechal. Elas pareciam até melhores e mais saudáveis. Mesmo assim, não recomendo nenhum contato. Eventuais doenças produzidas por este objeto estranho podem demorar para se manifestar no organismo humano.

Após alguns segundos decidindo, o Marechal disse:

-Major! Eu vou ver o que é essa coisa!

-Mas pode ser perigoso! Talvez o senhor passe por mudanças inesperadas!

-Vou mesmo assim!

-Então permita que eu veja primeiro, assim, o senhor não precisará se arriscar. Eu insisto!

-Major! Me dê as chaves para abrir o bagageiro. É uma ordem! E não adianta insistir!

-Mas senhor...

-É uma ordem filho!

A contra gosto, o Major entregou a chave do bagageiro ao seu oficial superior.

Sem titubear, o Marechal a enfiou na fechadura imediatamente destrancando-a.

Antes de abrir o bagageiro, deu uma última ordem ao Major:

-Fique onde está! Se o senhor estiver certo, esta coisa deverá ser escondida até que uma equipe de cientistas possa analisá-la sem risco de dano.

-Certo, senhor.

O Marechal Lemor então abriu o bagageiro do veículo.

\*\*\*

Foi banhado por uma luz brilhante que não chegava a ser ofuscante.

Imediatamente, o Marechal teve a sensação de que alguma coisa dele estava sendo arrancada.

Mas o que sentia não era doloroso.

Na verdade, era mais um alívio que logo se externou nas suas expressões faciais.

Como se uma gigantesca carga de stress fosse tirada de suas costas.

Naquele objeto, de alguma forma viu a imagem do Universo.

Milhares de galáxias se movimentando como vagalumes na noite.

Sua percepção das coisas então aumentou.

Passou a entender a finalidade de tudo e da vida dentro do contexto geral das coisas.

Percebeu então o valor do ser humano e a importância do seu destino.

Compreendeu ainda a importância que toda criatura têm no Universo.

Estes e outros tipos de pensamentos do gênero passaram a tomar conta de suas reflexões.

Enquanto passava por momentos tão incomuns, tirou o chapéu, a camisa militar que usava e até os óculos escuros.

Demonstrando estar completamente relaxado, continuava fumando seu cigarro enquanto admirava aquele artefato.

-Senhor!

Era o Major Sérgio chamando.

O Marechal se voltou para o Major com a cara de quem passava por um momento de profundo êxtase mental.

Deu uma olhada meio de lado para o misterioso artefato, fechou o bagageiro e, em seguida disse:

-Serjão! Se quiser que as forças armadas continuem a existir da forma que são, é melhor esconder esse negócio.

O Major Sérgio então entendeu que o Marechal já não era mais o mesmo de sempre.

Seu tom de voz não era aquele, além do mais, ele não era assim tão simpático durante o trabalho.

-Marechal! O senhor está bem?

-Não sou mais Marechal! Chega de guerra para mim! Quanto a minha saúde, ela vai melhor do que nunca. Obrigado.

\*\*\*

O Major Sérgio se convenceu que o Marechal Lemor fora mesmo afetado pelo artefato.

O caso dele poderia até ser irreversível.

Conhecia bem a teimosia do homem quando este se decidia por alguma coisa.

Ainda assim, ele não deixava de falar coisas importantes...

-Major Sérgio! Sob o seu ponto de vista, esta é a maior arma de todos os tempos. É capaz de parar qualquer guerra. Leva a mente a vislumbrar o universo de outro modo.

Aquele que se julgava um ex-Marechal entregou as chaves do veículo para o Major.

Então saiu, mesmo que recusando a patente militar, acompanhado de seus guardacostas que, assim como o Major, não haviam olhado diretamente para o artefato.

Por seu lado, o Major não perdeu tempo.

Entrou no carro, deu partida novamente e saiu dali à toda.

Usando celular, entrou em contato com outra base militar, esta, super-ultra-secreta, onde, segundo afirmavam as lendas, eram guardados OVNIS de procedência extra-terrestre.

Fosse o que fosse aquele artefato, ele seria ali guardado, escondido em segurança dos olhares curiosos.

O Major Sérgio acertou tudo com o comandante da base pelo celular.

Ele mesmo conduziria o veículo até lá.

No caminho, receberia a escolta de dois helicópteros que o acompanhariam até a base.

O único problema era a estrada: escura, estreita, muito longa e solitária.

Quase ninguém passava por lá.

\*\*\*

A distância a ser percorrida ainda era longa: mais três horas de viagem sendo que só no terço final do percurso teria escolta.

Depois de já ter percorrido dois terços do trajeto, avistou luzes no céu, bem próximas ao local onde deveria encontrar os helicópteros.

Uma delas se aproximou com velocidade.

Outras vieram logo atrás e, todas passaram a voar em círculos ao redor do veículo.

Um fecho branco muito brilhante saiu de uma das luzes e iluminou o carro.

Foi então que o Major Sérgio percebeu que aquelas luzes não eram dos helicópteros que deveriam escoltá-lo pelo resto do caminho.

\*\*\*

O carro parou de funcionar completamente sem explicação alguma.

O Major Sérgio aproveitou o pouco de embalo que ainda restava no carro e o conduziu para o acostamento tentando de algum modo escapar do fecho luminoso que o seguia.

Saiu de arma em punho e fez mira na fonte de luz misteriosa.

Antes que efetuasse os disparos, viu à sua frente um estranho casal.

Uma dupla de pessoas altas, magras, de pele branca e olhos azulados.

-Tenha calma! Viemos em paz!

O Major Sérgio não os via mexendo a boca, mas, a mensagem deles era bastante clara na sua cabeça.

Estavam se comunicando telepaticamente.

Nos seus pensamentos, começou a vislumbrar então um objeto que tinha as mesmas cores daquele que se encontrava no bagageiro do carro.

Logo percebeu de alguma forma, que aquele era o artefato que tantas transformações efetuava nas pessoas.

Viu ainda mundos em guerra violenta, encarniçada e sangrenta.

Planetas tomados por um pesadelo de violência inimaginável que terminavam quando o objeto misterioso era exibido aos guerreiros.

O espírito assassino era canalizado para a paz e contemplação.

Novamente, ouviu a voz daquelas criaturas na sua mente:

-Este artefato é capaz de pacificar todas as guerras. Chama-se LÁGRIMA DA MÃE CRIADORA DE TODAS AS COISAS. Devido a um acidente pelo qual passou o seu portador, o objeto veio cair por engano no seu mundo e nós viemos buscá-lo.

Então, misteriosamente, o bagageiro do automóvel se abriu sem necessidade de chave e o artefato ergueu-se flutuando rumo aos céus.

Então, como num passe de mágica desapareceu sem mais nem menos, como se tivesse ficado invisível.

O Major Sérgio também não viu mais nada!

No momento seguinte, ficou inconsciente.

\*\*\*

Os helicópteros de escolta chegaram até o o veículo que o Major conduzia.

Seus tripulantes perceberam que ali alguma coisa estava errada.

Antes de pousarem, perceberam do alto gigantescos e estranhos desenhos no mato à beira da estrada.

Como se imensas pegadas em forma de complexos desenhos geométricos tivesse pisado ali deixando suas marcas bem definidas naquela densa vegetação.

Quanto ao Major Sérgio, ele estava ao lado do veículo.

Inconsciente!

Logo porém foi acordado!

Estranhou toda aquela situação já que não se lembrava do porquê viera parar ali.

Todos os fatos que ocorreram antes mesmo de iniciar a vigilância que fizera sob a favela foram esquecidos.

\*\*\*

Jamais as forças armadas tirariam uma conclusão definitiva a respeito dos acontecimentos que se sucederam naquela noite já que o Major Sérgio, principal testemunha dos acontecimentos e única pessoa que poderia até ser capaz de dar um depoimento confiável não se lembrava de nada!.

Quanto as pessoas que tiveram contato visual direto com o artefato; devido às alterações psicológicas que estas sofreram, seus testemunhos foram considerados parciais e inidôneos.

Mesmo o Marechal Lemor e seus seguranças não puderam ser interrogados, já que, estes nunca mais foram vistos depois que saíram da base militar.

Disso tudo uma coisa ficou clara: a Lágrima pacificadora não teve tempo de completar o seu trabalho no mundo, e, em consequência disso, um futuro com muitas guerras e violências estaria assegurado para toda a humanidade.

\*\*\*